

## ENTRE METÁFORAS E METONÍMIAS: CONCEPTUALIZAÇÕES DE MORTE EM TEXTOS LITERÁRIOS

*Urandi Rosa Novais (UFS)*  
[urandinovais@gmail.com](mailto:urandinovais@gmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar como a morte é conceptualizada em textos literários e quais mecanismos estão envolvidos nesse processo de conceptualização. Para isso, partimos dos pressupostos da Semântica Cognitiva Sócio-histórica-cultural (LAKOFF; JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1981; ALMEIDA, 2018; SANTANA, 2019; FERNÁNDEZ JAÉN, 2007) articulados à abordagem Multiníveis da Metáfora Conceptual (KÖVECSES, 2017; 2020) e da Metonímia Conceptual enquanto um fractal da linguagem (PAIVA, 2010; 2011; SPERANDIO, 2014; ALMEIDA; SANTANA, 2019). A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, a partir de uma abordagem exploratória, descritiva e interpretativa do corpus; este se constituiu a partir de textos literários (contos, romance) escritos por distintos autores. Os primeiros resultados nos possibilitaram mapear Metáforas Conceptuais como, por exemplo, MORTE É ORGANISMO VIVO, a qual é instanciada a partir de Metonímias Conceptuais (PARTE/TODO; CARCTERÍSTICA/PESSOA; etc.).

### Palavras-chave:

Morte. Metáfora Conceptual. Metonímia Conceptual.

### ABSTRACT

The present work aimed to investigate how death is conceptualized in literary texts and what mechanisms are involved in this conceptualization process. To do this, we start from the assumptions of Socio-historical-cultural Cognitive Semantics (LAKOFF; JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1981; ALMEIDA, 2018; SANTANA, 2019; FERNÁNDEZ JAÉN, 2007) articulated with the Multilevel approach of Conceptual Metaphor (KÖVECSES, 2017; 2020) and Conceptual Metonymy as a fractal of language (PAIVA, 2010; 2011; SPERANDIO, 2014; ALMEIDA; SANTANA, 2019). The methodology used is qualitative in nature, based on an exploratory, descriptive, and interpretative approach to the corpus; This was created from literary texts (stories, novels and poems) written by different authors. The first results allowed us to map Conceptual Metaphors such as, for example, DEATH IS A LIVING ORGANISM; this is instantiated from Conceptual Metonymies (PART/WHOLE; CHARACTERISTICS/PERSON; etc.).

### Keywords:

Death. Conceptual Metaphor. Conceptual Metonymies.

## 1. Introdução

O tema da morte é algo que perpassa a vida e a história da humanidade ao longo dos tempos. Sendo assim, o ser humano pode significar,

ou seja, conceptualizar a morte de diversas maneiras. Por isso, o presente trabalho teve seu enfoque voltado para o fenômeno da conceptualização da morte, em textos literários. Buscamos, nessa investigação, mapear os mecanismos cognitivos que o ser humano utiliza para compreender sua finitude.

O interesse em investigar a conceptualização da morte em textos literários se deu pelo fato de eles serem produto artístico e cultural de uma determinada sociedade e, por isso, as metáforas e metonímias conceptuais que neles encontramos muito contribuem para entendermos as formas como conceptualizamos diversos temas como, por exemplo, a vida, o tempo e a morte. Por isso acreditamos que o *corpus* escolhido para a realização desse estudo pode contribuir para investigarmos sobre a conceptualização da morte no decorrer do tempo.

A maneira como organizamos o nosso pensamento, o modo como falamos, agimos e pensamos é construído por meio de metáforas conceptuais, como, por exemplo, MORTE É ESCURIDÃO, MORTE É SONO, VIDA É JORNADA, VIDA É CICLO, PESSOAS SÃO PLANTAS (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Esses exemplos nos confirmam o quanto as metáforas estão presentes no nosso dia a dia, subsidiando-nos em nossas formulações de conceitos e buscas para explicar e entender o mundo que construímos e que nos cerca.

Lakoff e Turner (1989) afirmam que as metáforas fazem parte da linguagem cotidiana, sendo que é por meio delas que entendemos conceitos abstratos como é o caso da vida, da morte, do amor, do tempo etc. Porém, vale lembrar que nenhum conceito é engessado, fechado em si mesmo, pois, não há apenas uma maneira de conceituar o tempo, a morte, amor ou a vida metaforicamente. Há diferentes conceitos que se formularão de acordo com o contexto social e histórico de quem conceptualiza esses termos.

Dessa maneira, nosso estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, além de documental, descritiva e interpretativa, levando em consideração o contexto em que as referidas obras estão situadas, buscando acessar os conteúdos conceptuais subjacentes à linguagem, nesse caso específico à conceptualização da morte.

Assim, esse trabalho se organiza da seguinte maneira: essa introdução com as palavras iniciais, seguidas da seção “A semântica cognitiva sócio-histórica-cultural, a visão multinível da metáfora conceptual e a

metonímia conceptual”, em que discutimos os conceitos teóricos que embasaram as discussões; a seção de “Metodologia”, apresentando os caminhos metodológicos traçados para a realização desse trabalho, seguida da seção, “Estudo *corpus*”, na qual abordamos os estudos dos achados da pesquisa, seguidos das considerações finais em que tecemos algumas conclusões acerca das ideias debatidas em nosso trabalho.

Dito isso, passamos às discussões teóricas que embasaram o nosso estudo.

## **2. A semântica cognitiva sócio-histórica-cultural, a visão multinível da metáfora conceptual e a metonímia conceptual**

A Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural (SCSHC) é uma das ilhas teóricas da Linguística Cognitiva, está embasada em uma visão experientialista da cognição e considera, em suas investigações, “a simbiose entre as dimensões social, histórica, cultural, além da dimensão cognitiva, na geração do significado” (ALMEIDA; SANTANA, 2020, p. 113).

Dessa maneira, ao articular o conhecimento de diversas áreas, a SCSHC elabora conhecimentos interdisciplinares. Por isso, ao investigarmos a conceptualização da morte em textos literários, sob a ótica da SCSHC, buscamos mapear aspectos da cultura individual do sujeito conceptualizador escrevente e, também, elementos da cultura coletiva que estarão refletidos nos textos analisados, além de considerar o contexto histórico e social em que estão inseridos os textos que compuseram o nosso corpus de pesquisa.

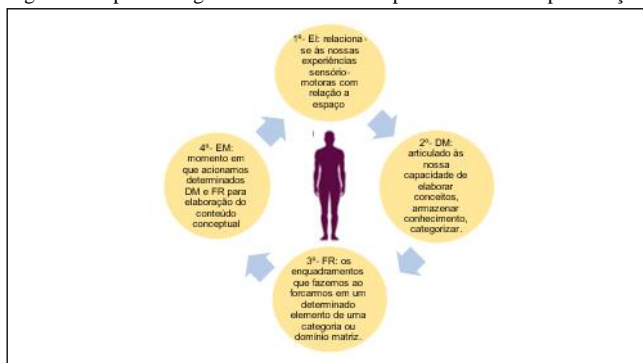
Para isso, buscamos articular ao nosso estudo a visão multiníveis da metáfora conceptual. Essa vertente de pesquisa, no campo da Semântica Cognitiva, surgiu a partir das investigações de Kövecses (2017) em um estudo intitulado *Levels of metaphor*. Além dos estudos de Kövecses (2017), aqui no Brasil, alguns estudos também utilizaram a visão multiníveis da metáfora conceptual em suas pesquisas como, por exemplo, Leal (2020), ao investigar as metáforas do medo nas obras de Stephen King; Silva (2021), em seu estudo sobre o conceito de resiliência à luz da Linguística Cognitiva e Novais (2023), ao estudar sobre as metáforas da morte, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, em textos literários e da área de medicina.

Ao postular a visão multiníveis da metáfora conceptual, Kövecses (2017) fez um apanhado dos mais diversos estudos na área da Linguística Cognitiva, cujo objetivo era responder alguns questionamentos em relação à Teoria da Metáfora Conceptual, como, por exemplo, “Qual(is) é(são) a(s) estrutura(s) conceptual(is) apropriada(s) envolvida(s) na(s) metáfora(s) conceptual(is)?”. Com esse estudo, Kövecses (2017) afirma que, em uma metáfora conceptual, há uma articulação simultânea de estruturas conceptuais que podem ser identificadas a partir de níveis de esquematicidade. Ele aborda 4 deles: o nível dos esquemas de imagem, o dos domínios, o dos *frames* e o dos espaços mentais, considerando ainda mais um nível, o nível cinco, em que a metáfora conceptual seja instanciada, ou seja, esse nível está relacionado às expressões linguísticas que instanciam as metáforas e ao contexto em que os textos estudados estão articulados.

Os Esquemas de Imagem (Eis) estão relacionados às nossas experiências sensorio-motoras; os Domínios Matrizes (DMs) são um conjunto de conhecimentos que são acionados no momento da conceptualização, pois, “um domínio como domínio matriz (como CONSTRUÇÃO) pressupõe uma variedade de conceitos que caracterizam diferentes aspectos do domínio” (KÖVECSES, 2020, p. 53); os *Frames* (FRs) são estruturas mentais que nos ajudam a moldar como enxergamos o mundo, ou seja, são enquadramentos que fazemos de um determinado aspecto pertencente a um determinado domínio da nossa experiência e, por fim, estão os Espaços Mentais (EMs), que se constituem no momento em que “os *frames* e demais níveis são ativados numa determinada situação real de comunicação, ou seja, os papéis dos FRs ganham valores específicos; essa especificidade tem uma forte relação entre o indivíduo e o contexto de comunicação” (NOVAIS, 2023, p. 67).

Para exemplificar melhor, os níveis esquemáticos estão sintetizados na figura abaixo:

Figura 1: Aspectos cognitivos envolvidos no processo de conceptualização.



Fonte: Novais (2023, p. 158).

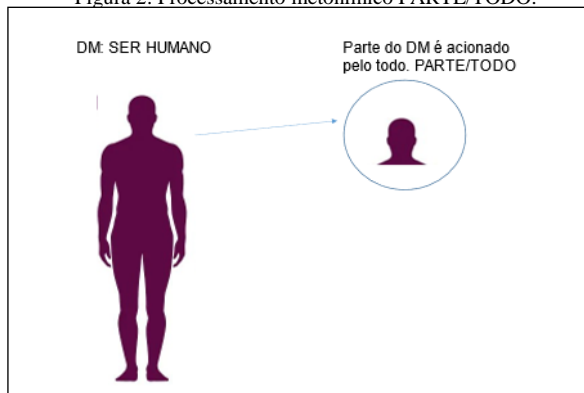
Conforme a Figura 1, fica em evidência que o ser humano enquanto o sujeito conceptualizador, no momento da conceptualização, ou seja, da construção sentido em relação a algum conceito, articula os níveis esquemáticos nesse processo de conceptualização. Ele acessa os mais variados conhecimentos sobre um determinado domínio da experiência, para compreender outro domínio, isto é, compreender um conceito em termos de outro. E, nessa compreensão ativa FRs específicos e constrói EMs envolvidos no momento da elaboração do conteúdo conceitual, mais especificamente, a construção do sentido em torno de um determinado conceito.

Além da visão multiníveis da metáfora conceptual, investigamos também como a metonímia conceptual se fez presente nos processos de conceptualização da morte nos textos que compuseram o nosso corpus de pesquisa. A metonímia é um processo cognitivo e linguístico através do qual usamos uma coisa para se referir a outra. Além disso “pensamos metonimicamente porque é fisicamente impossível ativar conscientemente todo o conhecimento que temos de um determinado conceito de uma só vez, então tendemos a nos concentrar em um aspecto saliente desse conceito e usar isso como ponto de acesso a todo o conceito” (LITTLEMORE, 2015, p. 5-6).

Lakoff (1987) define a metonímia como uma das características básicas da cognição humana, pois é a partir desse elemento cognitivo que uma pessoa consegue compreender um determinado conceito a partir de um certo aspecto, ou seja, a característica pela pessoa, a parte pelo todo, um item pela categoria, entre outros elementos. Nesse viés de compreender um conceito pela metonímia, podemos citar, por exemplo, uma de-

terminada situação em que queremos conhecer alguém e pedimos para ver uma foto. Possivelmente nos será mostrada a foto do rosto dessa pessoa, isso se deve ao fato de, em nossa cultura, o rosto ser a parte mais representativa de uma pessoa, ou seja, a parte pelo todo. Podemos observar isso na figura abaixo:

Figura 2: Processamento metonímico PARTE/TODO.



Fonte: Novais (2023, p. 165).

Na figura acima é possível perceber que, tomando o Ser humano enquanto um Domínio Matriz (todo), é possível compreendê-lo a partir do rosto (parte), por exemplo. Assim, por sua capacidade de reunir/ comprimir uma gama de informações, consideramos, nos estudos em SCSHC, a metonímia enquanto um elemento *fractal*<sup>18</sup> da linguagem<sup>19</sup> (Cf. PAIVA, 2010; SPERANDIO, 2014; ALMEIDA; SANTANA, 2019; NOVAIS, 2023), pois “se em toda metáfora conceptual serão projetadas parte do domínio fonte no domínio alvo, é perceptível a relação de contiguidade parte/todo” (NOVAIS, 2023, p. 78). Assim, como veremos na

<sup>18</sup> O conceito de fractal, segundo seu criador o matemático da IBM Mandelbrot foi apresentado, inicialmente, em dois artigos na década de 70 e a ideia foi consolidada em seu livro *A geometria fractal*, em 1977. Ele inicia o livro usando duas metáforas – fria e seca – para descrever a geometria tradicional. Ele justifica essas metáforas pela incapacidade de a geometria euclidiana descrever as formas das nuvens, da montanha, da costa terrestre e mesmo de uma árvore. As nuvens não são esferas, as montanhas não são cones, as linhas costeiras não são círculos, a casca não é lisa e a luz não viaja em linha reta, dizia Mandelbrot. (PAIVA, 2010, p. 54, grifos e aspas do original).

<sup>19</sup> Em todo processamento metafórico, temos encaixado um processamento metonímico, pois quando domínios conceituais são integrados, não há, necessariamente, uma

seção do estudo do *corpus*, as metáforas conceituais encontradas estão, também, articuladas a processos metonímicos; estes possuem uma capacidade de comprimir determinadas informações.

Tecidas nossas discussões teóricas, apresentamos, a seguir, os caminhos metodológicos que estruturaram a realização do nosso estudo.

### 3. *Caminhos metodológicos*

Nosso estudo foi constituído a partir de uma metodologia qualitativa, cujo corpus de estudo abarca a *linguagem em uso*<sup>20</sup>, ou seja, os textos literários que compõem a nossa amostra de pesquisa são resultantes das mais diversas experiências dos sujeitos conceptualizadores escreventes como, por exemplo, artigos científicos, crônicas, reportagens, romances, contos etc., pois esses “gêneros textuais fazem parte do cotidiano das pessoas e muito têm a dizer sobre a relação entre sujeito, linguagem, história, cultura, política, ideologias etc.” (NOVAIS, 2023, p. 83).

Ademais, a pesquisa qualitativa, no âmbito da SCSHC, ressalta a natureza socialmente construída da realidade. Pois, ao conceptualizar um determinado fenômeno como a morte, por exemplo, o ser humano aciona as suas experiências de mundo; estas estão ligadas às suas percepções sensorio-motoras, culturais, políticas e ideológicas. A realidade desse ser que conceptualiza não é dada estaticamente, ela é construída a partir das múltiplas relações que esse sujeito tem com o mundo que constrói e no qual está inserido (Cf. NOVAIS, 2023).

Além de ser uma pesquisa de cunho qualitativo, optamos pelas técnicas bibliográficas, documental, explicativa e descritiva do fenômeno que investigamos no estudo aqui empreendido. No que concerne ao estudo das ocorrências encontradas no corpus, adotamos uma postura interpretativista que, segundo Zanotto (2014, p. 12) “é um paradigma que focaliza um pensamento construído na interação com o outro, num contexto social”.

---

integração entre todos os elementos dos domínios fonte e alvo, mas sim de elementos mapeados dentro de cada domínio. (PAIVA, 2010, p. 13)

<sup>20</sup> O estudo da linguagem em uso é absolutamente necessário, pois há palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta de fala. (FIORIN, 2003). Desta forma os estudos em LC prezam pelo uso de *corpus* que abrangem a linguagem em uso, principalmente quando se trata de um estudo sobre o processo de significação, pois apenas o conhecimento do sistema linguístico não nos permitirá mapear todos os elementos envolvidos na construção de um determinado significado.

Nossa amostra de pesquisa se constituiu a partir de ocorrências coletadas em dois contos, “Dama da noite”, de Caio Fernando Abreu (1988), e “Venha ver o pôr do Sol”, de Lygia Fagundes Telles (1988), além do romance “O quarto fechado”, de Lya Luft (1986). Os textos, conforme Mattos e Silva (2004) estão datados e localizados num mesmo contexto sócio-histórico e cultural, ou seja, a década de 80 do século passado.

Os textos foram lidos, minuciosamente, as ocorrências que instanciavam metáforas conceptuais foram transcritas para um arquivo em *Word*, para organização das metáforas conceptuais encontradas e quais domínios matrizes foram acessados para a compreensão do fenômeno da conceptualização da morte. Nesse artigo, apresentamos uma das metáforas conceptuais mais encontradas no *corpus*, MORTE É ORGANISMO VIVO. Pretendemos, em publicações futuras, apresentar outras metáforas conceptuais encontradas.

No estudo das ocorrências, apresentamos um quadro com as ocorrências que instanciaram a MC em estudo; nas ocorrências estão grafadas em negrito e itálico os itens léxicos e expressões linguísticas que nos permitiram acionar a MC em estudo; no corpo do texto, colocamos entre aspas as expressões linguísticas e itens léxicos que exemplificam as discussões tecidas; em seguida, fizemos o estudo da referida MC e seus níveis esquemáticos como também a relação entre metáfora e metonímia no processo de conceptualização da morte, como veremos a seguir.

#### **4. Estudo do corpus**

Nesta seção, apresentamos de forma detalhada, o estudo das ocorrências encontradas em nosso corpus de pesquisa, com base nas metáforas que foram instanciadas.

Assim, a metáfora estudada é MORTE É ORGANISMO VIVO. É possível perceber que, para a compreensão do fenômeno da morte, nessa metáfora conceptual, foi acionado do Domínio Matriz do ORGANISMO VIVO, principalmente, a ideia de personificação. É comum, no nosso dia a dia, a prática de personificar diversos conceitos para compreendê-los melhor como, por exemplo, “a memória do celular está cheia”, “a economia brasileira está doente”, entre outras expressões. A personificação, conforme Lakoff e Johnson (2004) compreende um processo cognitivo em que, para compreendermos um determinado conceito, atribuímos a ele características humanas e suas capacidades físicas e psicológicas.



Dito isso, apresentamos abaixo o Quadro 1 que se identificam as ocorrências que instanciaram a MC em estudo.

Quadro 1: MORTE É ORGANISMO VIVO.

Ocorrência	Autor(a)	Excerto/página
01	Luft (1986)	“Ele dava os primeiros passos <i>em sua morte, abraçado a ela, que o instruía devagar</i> . Não havia pressa: à deriva, lentamente, afastava-se de um mundo que não interessava mais”. (p. 14).
02	Luft (1986)	“Chamar a morte, esconjurá-la: <i>venha agora amiga, venha</i> . Saia desse fundo de sombras, de onde <i>você me espreita</i> : estilhace o vidro, desmanche a cena, escoreça a casa, <i>beije</i> o rosto imundo que me reveste”. (p. 35).
03	Telles (1988)	“As pontes com o outro mundo foram cortadas e <i>aqui a morte se isolou total</i> . Absoluta”. (p.xx).
04	Abreu (1988)	Queria ser uma dama nobre e rica para te encerrar na torre do meu castelo e poupar você do encontro inevitável com a morte. <i>Cara a cara com ela</i> , você já esteve? Eu, sim, tantas vezes. Eu sou curtida, meu bem. (p. 114-115).

Fonte: Elaboração nossa.

Em seu primeiro nível esquemático, ou seja, os Esquemas de Imagem, as ocorrências encontradas em nosso corpus de pesquisa nos permitiram mapear os seguintes EIs: TRAJETÓRIA, CONTATO, BLOQUEIO, PROXIMIDADE, VERTICALIDADE, PARTE/TODO. O EI TRAJETÓRIA está presente nas ocorrências 01, 02; em 01, as expressões linguísticas “ele dava os primeiros passos em sua morte” e “afastava-se de um mundo que não interessava mais” nos possibilitam perceber um caminho/trajetória traçado pelo sujeito até chegar à sua morte; em 02, as expressões linguísticas “venha agora amiga, venha, saia” e “beije o rosto imundo que me reveste” também nos possibilitam perceber que, nesse caso, a morte traça um caminho de onde está escondida para beijar a pessoa que a chama de amiga.

Os EIs CONTATO e PROXIMIDADE estão presentes nas ocorrências 01, 02 e 04, pois as expressões linguísticas “em sua morte, abraçado a ela”, “beije o rosto imundo” e “cara a cara com ela” acionam esses EIs, sendo necessário estar próximo para que ocorra o abraço, o beijo e o ficar cara a cara. Além do EI CONTATO, sendo que a ação de abraçar, beijar e manter contato visual exige que mantenhamos um certo contato com o outro.

As ocorrências 01 e 04 acionam também o EI VERTICALIDADE, pois, culturalmente, a ação de abraçar e ficar cara a cara se dá, na

maioria das vezes quando estamos de pé, ou seja, na posição vertical, para que as ações de abraçar e manter contato visual sejam realizadas. A ocorrência 04, permite-nos, também, mapear o EI PARTE/TODO, pois a figura da morte é acionada pela expressão linguística “cara a cara com ela, você já esteve?”, permitindo-nos identificar a conceptualização da morte pelo esquema parte/todo, ou seja, a cara pelo todo.

Na ocorrência 03, temos o EI BLOQUEIO, sendo que a expressão linguística “As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total” nos permite inferir que a morte, enquanto uma entidade personificada, pratica a ação de se isolar, esta ação representa um bloqueio, para que não haja contato com outras entidades.

Em seu segundo nível esquemático, a MC MORTE É ORGANISMO VIVO apresenta como DM ORGANISMO VIVO, personificando a morte enquanto um ser humano, com corpo, rosto, capacidades físicas e psicológicas. As ocorrências 01, 02 e 03 ratificam essa personificação ao apresentar as seguintes expressões linguísticas “em sua morte, abraçado a ela, que o instruía devagar”, “venha agora amiga, venha/ beije o rosto imundo que me reveste” e “aqui a morte se isolou total”, atribuindo à morte capacidades humanas como abraçar, saber instruir alguém a fazer algo, ser amiga, possuir a capacidade de beijar e se isolar dos outros.

Ao focar em determinadas características do DM ORGANISMO VIVO, somos capazes de mapear os *FRAMES* envolvidos no processo de conceptualização da morte, nas ocorrências mapeadas, são eles: SISTEMA LOCOMOTOR, ABRAÇAR, BEIJAR, CARA/ROSTO, ISOLAMENTO. As ocorrências 01 e 02 focam nos FRs ABRAÇAR, SISTEMA LOCOMOTOR e BEIJAR, como é possível perceber nas seguintes expressões linguísticas: “abraçado a ela”, “venha agora, amiga” e “beije o rosto imundo”; já as ocorrências 03 e 04 acionam os FRs ISOLAMENTO e CARA/ROSTO, sendo identificados nas seguintes expressões linguísticas: “aqui a morte se isolou total” e “cara a cara com ela”.

Já no nível menos esquemático e mais específico, ou seja, o momento em que o sujeito escrevente conceptualizador elabora o conteúdo conceptual, temos os Espaços Mentais. Dessa maneira, cada excerto foi estudado de forma individual para que pudéssemos agregar o máximo de informações ao relacionar o texto ao contexto sócio, histórico e cultural em que esteja inserido.

Nas ocorrências 01 e 02, por exemplo, temos o EM do CONTA-TO, considerando que se trata de uma história de suicídio vivida por um personagem homossexual. Esse contato se dá a partir do momento em que a personagem buscou uma maneira de se matar, ou seja, manter um contato com a morte. Considerando o ano de publicação do romance do qual a ocorrência foi retirada, 1986, a homossexualidade era considerada doença e boa parte da sociedade discriminava, estigmatizava e, algumas vezes, afastava do convívio familiar as pessoas homossexuais. A ocorrência 02 ainda complementa essa visão pejorativa que a sociedade tinha dos homossexuais a partir da expressão linguística “beije o rosto imundo”, essa imundice se refere à ideia de sujeira que estava relacionada às pessoas homossexuais.

A ocorrência 03 nos possibilita perceber a construção do EM SILENCIAMENTO, isso é possível a partir do conto do qual a ocorrência foi encontrada. Pois, trata-se de uma história de feminicídio. A personagem é assassinada por seu ex-namorado. Ele a leva para apreciar um pôr-do-sol, num antigo cemitério e a tranca numa das catacumbas para que ela defina até morrer. Ao analisarmos a expressão linguística “aqui a morte se isolou total. Absoluta”, o referido EM nos possibilita compreender o quanto muitas mulheres foram e, infelizmente, ainda são silenciadas de forma brutal, sendo assassinadas de diversas formas, além de outras formas de silenciamento que uma sociedade machista impõe à mulher.

Na ocorrência 04, podemos mapear o EM CONTATO. Essa ocorrência foi extraída de um conto, cuja temática gira em torno da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, na década de 1980. Dessa forma, a expressão linguística “ficar cara a cara com ela” pode ser relacionada ao fato de as pessoas terem vivido o movimento *da contracultura e do experimentalismo sexual*<sup>21</sup> da década de 1970 e se terem deparado com a referida epidemia nos anos 1980. Pode-se, também, relacioná-la ao fato de a personagem do conto ser homossexual, ou seja, uma parcela da população que, naquela época, era vista como grupo de risco, isto é, suscetível a

---

<sup>21</sup> A contracultura se caracterizava por ser uma revolta juvenil que questionava os valores da sociedade capitalista. Embora tendo repercussão mundial, ela não foi um movimento uniforme. Em cada país em que esteve presente, apresentou características próprias, tendo em comum o objetivo de apontar uma alternativa à tecnocracia dominante nas sociedades capitalistas. Desta forma, os movimentos da contracultura tomaram vários caminhos: desde a arte de vanguarda, misticismos, esoterismos, liberalização sexual até experimentos com drogas psicodélicas, tidos como experiências que faziam expandir a mente e a percepção da realidade, quando sabemos que os efeitos das drogas não são tão benéficos assim. (SANTOS, 2017, p. 82, 87)

manter contato com o vírus e, conseqüentemente, por não haver tratamento específico, também com a morte.

Além de estudar os níveis hierárquicos que envolvem a MC focalizada, no que compete à relação entre metáfora e metonímia conceptuais, foi possível perceber, nesse trabalho, que a MC se deu a partir de um processamento metonímico. Temos, por exemplo, a instânciação PARTE/ TODO, pois elencamos apenas parte do DM para compreensão do conceito de morte. Essa instânciação PARTE/TUDO também se deu na ocorrência 04 “cara a cara com ela, você já esteve?” em que a parte/cara comprime toda a informação do todo/morte. E “cara a cara” instancia a ideia de rosto, este, culturalmente, “é considerado uma forma de identidade em nossa cultura” (NOVAIS, 2023, p. 128).

Outro processamento metonímico presente é CARACERÍSTICA/ PESSOA, quando, na ocorrência 02 “venha agora, amiga” a morte é considerada enquanto uma amiga. E essa “amiga” comprime determinadas informações que, considerando o contexto em que o conto está inserido, nos permite perceber que a morte é vista como uma amiga pela personagem do conto por ela ser capaz de livrá-lo do estigma e dos preconceitos da sociedade para com sua sexualidade.

Dessa maneira, as ocorrências nos permitiram perceber que metáfora e metonímia estão intrinsecamente interligadas e que a metonímia conceptual exerce uma função de fractal da linguagem ao comprimir uma gama de informações que podem ser recuperadas a partir do momento em que se contextualiza as informações que ela nos oferece.

Realizado o estudo da MC MORTE É ORGANISMO VIVO, passamos às nossas considerações finais.

## **5. Considerações finais**

Esse estudo investigou como a morte é conceptualizada em textos literários, publicados na década de 1980. Ele se desenvolveu a partir de uma metodologia de caráter qualitativo e nossa amostra de pesquisa foi constituída a partir de 04 ocorrências oriundas de dois contos e um romance.

Adotar a visão multiníveis da metáfora conceptual nos possibilitou articular diversos aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais que estão envolvidos no processo de conceptualização, ratificando os

pressupostos dos estudos em SCSHC que preza em articular cognição, sociedade, história e cultura em suas investigações.

No que concerne à metonímia conceptual, foi possível perceber o quanto ela está interligada à metáfora conceptual, pois nosso estudo demonstra que a metonímia “não é apenas um processo de substituição, ela faz parte da nossa estrutura conceptual, possibilitando-nos uma melhor compreensão de um determinado conceito de diferentes formas: a parte pelo todo, uma forma por um conceito, um item prototípico pela categoria, a consequência pela causa, entre tantas outras” (NOVAIS, 2023, p. 171).

Embora o estudo empreendido não esgote as possibilidades de investigação acerca da conceptualização da morte, nossa investigação nos possibilitou, a partir do *corpus* analisado, compreender o quanto a metáfora e a metonímia conceptuais desempenham um importante papel nos diversos processos em que o ser humano busca compreender a sua finitude humana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTANA, Neila Maria Oliveira. *Semântica cognitiva sócio-histórica: estudos sobre o significado*. Salvador: EDUNEB, 2020.
- KÖVECSSES, Zoltán. Levels of metaphor. *Cognitive linguistics*, v. 2, n. 28, p. 321-47, Amsterdam, 2017.
- KÖVECSSES, Zoltán. *Extending conceptual metaphor theory*. Cambridge: Cambridge University press, 2020, p. 50-92
- LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University Chicago Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Woman, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.
- \_\_\_\_\_; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Mark Johnson. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEAL, Morgana de Abreu. *Metáforas do medo*. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2020. 241fls.

LITTLEMORE, J. *Metonymy: Hidden Shortcuts in Language, Thought and Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

LUFT, Lya. *O quarto fechado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

NOVAIS, Urandi Rosa. *A epidemia de HIV/AIDS no Brasil: um estudo semântico cognitivo sócio-histórico-cultural da conceptualização da morte no século XX*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2023. 193f.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A metonímia como processo fractal multimodal. *Veredas on line atemática*, 2010, p. 07-19, PPG linguística/UFJF Juiz de Fora.

SANTOS, André de Matos. A contracultura. *Revista Onis Ciência*, v. V, Ano V, n. 15, p. 82-90, Braga, janeiro/abril 2017.

SILVA, Karine Souza da. *Visão multimodal do conceito de resiliência à luz da Linguística Cognitiva*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2021. 171f.

SPERANDIO, Natália Elvira. Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas. Tese (Doutorado) – Programa de Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. 155f.

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do sol. In: \_\_\_\_\_. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZANOTTO, Mara S. T. as múltiplas leituras da metáfora: desenhando uma metodologia de investigação. *Signo*, v. 39, n. 67, p. 3-17, Santa Cruz do Sul, jul./dez. 2014.